

Do Fake ao Fato



Copyright © 2020, Bruna Klem, Mateus Pereira, Valdei Araujo (org.).
Copyright © 2020, Editora Milfontes.
Avenida Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória - ES, 29070-053.
Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>
Distribuição nacional em: www.amazon.com.br
editor@editoramilfontes.com.br
Brasil

BRUNA KLEM
MATEUS PEREIRA
VALDEI ARAUJO
(Organizadores)

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
Prof^ª. Dr^ª. Helena Miranda Mollo (UFOP)
Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
Prof^ª. Dr^ª. Karina Anhezini (UNESP - França)
Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Nader (UFES)
Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
Prof^ª. Dr^ª. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Unicamp)
Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
Prof^ª. Dr^ª Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

Do Fake ao Fato des(atualizando) Bolsonaro



EDITORA MILFONTES
Vitória, 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Bolsonaro em discurso - 2019

Bruno César Nascimento - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Sávio Medeiros Liittig

Impressão e Acabamento

GM Gráfica e Editora

Breves apontamentos

Este livro discute um acontecimento decisivo na história recente do Brasil: as eleições que levaram Bolsonaro à presidência da República. Também é valioso para se entender melhor algumas das características de seu governo, como o ativismo virtual das direitas; o negacionismo do golpe e da ditadura do pós-64; o apoio dos eleitores evangélicos; e o anti-intelectualismo que preside seus ataques à ciência e à cultura. Seu diferencial é que faz tudo isso, analisando e problematizando tais questões, não para buscar respostas acabadas, mas para surpreender e instigar o leitor com novas abordagens e interpretações. Dessa forma, os desafios do tempo presente e do compromisso cívico da História se afirmam de maneira clara como diretrizes para a luta democrática.

Angela de Castro Gomes

Professora titular da UFF e professora emérita do CPDOC/FGV

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F176 Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro/ Bruna S. Klen, Mateus Henrique de Faria Pereira, Valdei Lopes de Araujo (organizadores).
Vitória: Editora Milfontes, 2020.
240 p. : 23 cm

Inclui Bibliografia.

ISBN:978-65-86207-00-2

1. Política 2. Bolsonaro 3. Brasil I. Klen, Bruna S. II. Pereira, Mateus Henrique de Faria III. Araujo, Valdei Lopes IV. Título.

CDD 320.5

Um livro crítico, independente, esclarecedor, emancipador. A História é um exercício de encontro próximo e distante de cada um consigo, de todos com todos. Aprender da experiência no tempo, aprender com a experiência no tempo, apreender o entremeado constante de passado e futuro de que é feito o presente é fundamental, incontornável, indispensável. E urgente, no Brasil de 2020 no qual o teatro das sombras de um agir político imaturo e irrefletido de protagonistas políticos e econômicos fabula um país a despeito da realidade de sua sociedade, denegando-a com fraudulenta intencionalidade e dolosa ignorância. Mentiras, boatos, ultrajes inventados e fomentados acarretam tragédias reais na vida de todos. A indignação crítica de quem reflete com autonomia e competência, com conhecimento de causa e com clareza ao expor suas opções, averiguar alternativas e propor saídas, transparece na riqueza dos fatos, ocorridos em turbilhões de insensatez que assaltaram o espaço público brasileiro nos últimos dez anos, apresentados e analisados nos 14 capítulos deste livro. Uma leitura de luz, que conforta os que buscam afastar o abuso da memória, a manipulação do passado e o maniqueísmo na visão do presente e do futuro. Uma leitura de esperança, que auxilia os que perseveram na busca da verdade possível, da retidão moral e da responsabilidade comum.

Estevão de Rezende Martins
Universidade de Brasília

Este livro enfrenta o desafio decisivo nos dias tensos que correm: como separar o joio do trigo sem retornar à ingênua crença positivista no “fato”? Isto é, em tempos de pós-verdade, fatos alternativos, *fake news* e narrativas delirantes, resgatar a hermenêutica rigorosa das fontes bem pode ser a diferença entre a democracia e o autoritarismo. Na experiência histórica da ágora ateniense era central a distinção entre “fato” e “rumor”. Não se negava a oportunidade deste nos afazeres humanos, mas sim sua legitimidade na condução da coisa pública, que exigia uma base objetiva mínima para assegurar à palavra a proeminência que então lhe foi concedida como instrumento de deliberação política. Nos ensaios aqui coligidos, encontramos uma aguda arqueologia do passado imediato e do presente agônico que nos cabe interpretar. Sua leitura se impõe com a urgência de um tempo que precisamos decifrar como se não houvesse amanhã. Porque se você parar para pensar, na verdade, ele pode se afirmar.

Eis o convite, irrecusável, lançado por este relevante livro, organizado por Bruna Klem, Mateus Pereira, Valdei Araujo.

João Cezar de Castro Rocha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Do *fake* ao fato é daquelas obras tempestivas, na essência do termo: que vem no tempo correto, a propósito. Utilíssima no chão de fábrica dos profissionais de História, ao abrir a caixa de ferramentas da oficina para imperativos de ordem ética, epistemológica, teórica, filosófica, a todos e todas interessados em fazer sentido da história na perspectiva do tempo presente e no espaço brasileiro. Reunindo escritos que equilibram, com muita sofisticação, reflexão teórica e observação empírica, produzidos por intelectuais de grande projeção no cenário historiográfico atual, faz-se também obra urgentíssima, ao abordar esse fenômeno politicamente tão visceral da sociedade contemporânea que é o derretimento da noção de “verdade”, um dos elementos-chave para compreensão da emergência vigorosa da extrema-direita política na cena política brasileira.

Jurandir Malerba

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A desinformação e a mentira são condutas humanas antigas. Nem sempre andaram juntas, mas sempre estiveram próximas. Sua história encontra eco, por exemplo, no que os gregos diziam deles mesmos ou de como os modernos imaginavam a China. Assim, enquanto Tucídides escrevia contra os logógrafos, em particular Heródoto, cuja narrativa visava antes agradar o público do que contar a verdade, Hegel considerava que os chineses tinham uma propensão à mentira (Byung-Chul Han). O método crítico em história se desenvolveu a partir de tentativas de contestar argumentos como esses que vestidos com roupas peremptórias, mal conseguem disfarçar a arrogância ou o puro preconceito. Em 2017, Robert Darnton traçou uma breve genealogia do relato que tem por função desinformar, mentir, desde a antiguidade até o atual presidente Trump (*The True History of Fake News*). Se a desconstrução da falsa explicação, da impostura intelectual, do discurso que manipula e distorce, tem sido uma das tarefas do/a historiador/a ao longo do tempo (Grafton), então, em nossa contemporaneidade, marcada pela imensa capacidade de difusão da atividade desinformativa e falsária pelo mundo virtual, nosso ofício foi confrontado a uma demanda acadêmica e social crescente que maximizou seus imperativos de ordem ética e suas responsabilidades com a produção do conhecimento histórico. Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro insere-se nesta perspectiva analítica, na qual o fake e seus modos são des(atualizados) pela crítica historiográfica, não apenas com o objetivo de contextualizar o presente sob a ótica historiadora, mas, sobretudo, para proporcionar a/aos leitoras/res possibilidades outras de compreensão desta realidade. O fato aqui não é definido simplesmente como o inverso do fake, mas sua problematização, não é tomado apenas como a busca da verdade redentora, nem tão somente inibição da ficção no/do real, ele é, simultaneamente, a denúncia da desinformação, o desmonte da mentira, a pesquisa do rastro do entendimento, quer dizer da sabedoria, a mesma que tanto assusta e perturba o sono dogmático dos poderosos.

Temístocles Cezar

Professor Titular do Departamento de História da UFRGS
Presidente da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Sumário

O tempo presente e os desafios de uma historiografia (in)atual.....	17
<i>Bruna Stutz Klem, Mateus Pereira & Valdei Araujo</i>	
A história no olho do furacão	29
<i>Rodrigo Patto Sá Motta</i>	
Bolsonarismo: um problema “de verdade” para a história.....	43
<i>Sônia Meneses</i>	
As cinzas de Gramsci no deserto de Bolsonaro	57
<i>Roberto Vecchi</i>	
A teologia política do governo Bolsonaro	63
<i>Sérgio da Mata</i>	
O negacionismo científico olavista: a radicalização de um certo regime epistemológico	81
<i>Rodrigo Perez Oliveira</i>	
Anamorfose do dia 08 de maio de 1970 – ou : o mito em posição de alerta	101
<i>Daniel Faria</i>	
Bolsonaro y sus “votantes evangélicos”: las ciencias sociales y la teoría de la historia en la encrucijada	113
<i>María Inés Mudrovcic</i>	
Vozes sobre Bolsonaro: esquerda e direita em tempo atualista....	125
<i>Mateus H. F. Pereira & Valdei Araujo</i>	
Mulheres e o avanço conservador no Brasil após o golpe de 2016 ...	151
<i>Géssica Guimarães & Amanda Danelli Costa</i>	
Bolsonaro e a crise da Nova República: a política como conspiração	163
<i>Julio Bentivoglio & Thiago Vieira de Brito</i>	
Usos do passado da ditadura brasileira em manifestações públicas de Jair Bolsonaro.....	183
<i>Caroline Silveira Bauer</i>	

A longa noite de 64: Bolsonaro e a experiência democrática vista do parlamento 205

Daniel Pinha Silva

Juristas e vida pública no Brasil: trajetórias no tempo 225

Mariana de Moraes Silveira

O TEMPO PRESENTE E OS DESAFIOS DE UMA HISTORIOGRAFIA (IN)ATUAL

Bruna Stutz Klem¹

Mateus Pereira²

Valdei Araujo³

Pensar com a história enquanto ela acontece é o objetivo deste livro. As reflexões aqui reunidas nasceram nas salas e corredores do X Seminário Brasileiro de Teoria e História da Historiografia (SNHH), realizado nas dependências do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (UFOP), em Mariana, em outubro de 2018. Os textos demonstram a diversidade de abordagens, perspectivas e autores e autoras⁴ que pertencem a essa subárea da disciplina História, mas, também, a outras zonas de fronteira, como a história política, a história do tempo presente, a história pública e os estudos culturais. A ideia é que o livro possa interessar a todos os preocupados em compreender melhor a eleição, o tempo e o governo de Jair Bolsonaro, a partir de nosso compromisso com a defesa da democracia e da pluralidade a ela inerente.

A diversidade de abordagens que este livro oferece pode ser bem enquadrada pela oscilação entre o inatual e o atual que toda boa pesquisa histórica precisa enfrentar. No passado os historiadores hesitaram abordar o tempo presente, seja pelo medo das represálias por parte dos poderosos da vez (da qual não estamos livres), seja por prescrições epistemológicas assentadas na crença de que apenas o processo histórico progressivo e linear poderia explicar o presente. Hoje os historiadores estão mais atentos a uma temporalidade multidimensional, o presente não é um tempo encapsulado dentro de si mesmo, nem um degrau ou fragmento de uma totalidade em movimento. O tempo presente está constantemente atravessado por futuros e passados, por projetos e

1 Mestra em história pela UFOP.

2 Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisador Cnpq

3 Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisador Cnpq

4 Por razões de estilo não repetiremos ao longo deste texto o recurso de referir-se sempre aos dois marcadores de gênero que a língua portuguesa oferece. Estamos, no entanto, bastante atentos para a violência acumulada na linguagem, sua insuficiência e viés masculino centrado e racista. Primeira versão deste argumento foi apresentanda no Portal Outras Palavras em 2019.

memórias, como os leitores poderão perceber a partir do complexo caleidoscópico que os textos aqui reunidos formam. Uma historiografia que pretenda ser uma ação transformadora precisa navegar entre o atual e o inatual, fugindo à armadilha de reduzir o passado ao obsoleto ou o futuro à fantasia. A expressão “(des)atualizar Bolsonaro” que dá título a esta coletânea deve ser entendida como um convite à superação das abordagens presentistas que acabam sempre contribuindo para o empobrecimento da experiência humana.

Como foi possível Bolsonaro ganhar as eleições? Seu projeto destrutivo será duradouro? Quais as alianças e bases sociais do bolsonarismo? O bolsonarismo é produto de qual experiência sócio-histórico-temporal? Essas e outras questões atravessam todos os textos de *Do Fake ao Fato*. Não temos nenhuma pretensão de esgotá-las, mas de jogar algumas luzes nesse cenário ainda confuso e inquietante. Nesse sentido, alguns temas foram deliberadamente deixados de lado, pois, em nossa opinião, mereceriam outro livro. Embora também o título possa produzir alguma esperança de esclarecimento objetivo dos fatos em busca de uma verdade do que acontece, nossa aposta como editores está mais associada com a noção de que o que se chama hoje de *fake* é um fato estruturante da vida contemporânea, que não pode ser simplesmente eliminado com as ferramentas críticas tradicionais da historiografia ou compreendido apenas como manipulação falsificadora.

O que comumente chamamos de *fake news* precisa ser entendido em um contexto maior de apropriação violenta do patrimônio cultural coletivo que pode também ser explorado em seus aspectos emancipatórios, como destacou Byung-Chul Han em seu ensaio originalmente publicado em 2011.⁵ Como historiadores acreditamos que uma postura mais produtiva passa pelo movimento de (des)atualização histórica, pressupondo a exploração incessante dos passados e futuros que entretecem o presente, evitando sua essencialização em torno de uma versão original autenticamente controlada.

Este livro pretende ser, também, um acerto de contas com nós mesmos. Talvez o que o que diagnosticamos como o tempo do atualismo tenha contribuído para criar a ilusão de que a democracia brasileira havia se consolidado e estava sólida.⁶ Ilusão que levou alguns de nós, em

5 Cf. HAN, Byung-Chul. *Shanzhai: El Arte de La Falsificación y La Desconstrucción en China*. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.

6 Cf. ARAUJO, Valdeci; PEREIRA, Mateus. *Atualismo 1.0*: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Mariana: editora SBTHH, 2018.

especial, professores universitários das humanidades, a não ver o ativismo de direita e centro-direita, particularmente após 2013. Chama a atenção ainda hoje o quanto o bolsonarismo tem uma base social que o apóia e defende ativamente, apesar dos nossos desejos em contrário. Os erros do petismo, a judicialização da política, a operação Lava-Jato, as denúncias de corrupção, as apropriações de junho de 2013, os efeitos da crise de 2008, as *fakes news*, as milícias digitais, a prisão de Lula, o antipetismo, o *impeachment*/golpe de 2016 e a crise do presidencialismo de coalizão, aliado à crise econômica, dentre outros fatores, são elementos que nos ajudam a pensar o acontecimento Bolsonaro. Todos eles se articulam com um dado de fundo: a tragédia humana produzida pelo capitalismo em seu estágio digital. Muitas pessoas que tiveram e têm a sua vida destruída por esse modelo econômico, desigual e cruel, depositaram esperanças de transformação a partir da voz de Bolsonaro. Do nosso ponto de vista, as vítimas desse modelo econômico são alvos fáceis para a desinformação, que deve ser separada da apropriação espontânea das narrativas e dos discursos de ódio. O ativista virtual pode ser comparado com um viciado em ódio. Ao que parece, essa experiência de ativismo é análoga à maratona de séries, com a diferença de que as temporadas de ativismo são intermináveis.

A coletânea abre com a contribuição de **Rodrigo Patto Sá Motta**, no texto “A história no centro do Furacão”, onde procura pensar os desafios da disciplina frente às guerras culturais patrocinadas pelo governo Bolsonaro e pelo bolsonarismo. A questão da verdade, das disputas de memória, em especial, do Golpe de 1964 e da Ditadura são pensadas, pelo autor, a partir do ponto de vista de um historiador, considerado um dos maiores especialistas, no Brasil, em história do tempo presente. O professor da Universidade Federal de Minas Gerais, mostra como a história e os historiadores, em nosso tempo, estão no “centro do furacão”, a partir de uma instigante questão: “Que atitudes adotar quando estão em jogo não apenas o nosso compromisso profissional e o reconhecimento social do nosso trabalho, como também o risco de sermos alvo de campanhas repressivas?” Motta aponta, como saída, uma orientação baseada em três imperativos: o cívico, o ético e o crítico e defende uma maior presença dos especialistas no debate público e nas questões ligadas ao ensino da disciplina, bem como reafirma as pretensões à verdade do conhecimento produzido pelos/pelas historiadores/as.

A questão da verdade (e da pós-verdade) do e no conhecimento histórico é o tema da reflexão de **Sônia Meneses** no texto “Bolsonarismo: um problema ‘de verdade’ para a história”. A autora, uma das maiores

especialistas brasileiras na relação entre história e mídia, procura questionar o negacionismo e certas disputas em nosso espaço público. Além disso, analisa algumas interpretações da história e os seus usos políticos na eleição de Jair Bolsonaro. A professora da Universidade Regional do Cariri mostra como o discurso sobre a “verdade” tornou-se uma ferramenta para a negação e a manipulação de dados. Dentre as várias questões inquietantes trazidas pela autora há uma crucial, sintetizada em seu texto com a seguinte pergunta: “como dialogar com uma sociedade na qual uma parte considerável passou a acreditar que seus historiadores e professores de história mentem?”

Roberto Vecchi, um dos maiores brasilianistas em atividade no mundo, procura verificar e problematizar em sua reflexão/contribuição “o que resta de Gramsci” no discurso de Bolsonaro no texto “As cinzas de Gramsci no deserto de Bolsonaro”. O professor da Universidade de Bolonha, traz uma questão fundamental ao nos perguntar as razões pelas quais as cinzas de Gramsci perturbam tanto a direita brasileira. De acordo com ele trata-se de um problema de ressentimento. Ressentimento também dirigido a outro responsável pelo suposto “marxismo cultural”, Paulo Freire. O autor recupera algumas semelhanças entre as formas retóricas e os significados de duas matrizes no discurso presidencial, a que se ancora na memória sinistra do Cel. Carlos Alberto Brilhante Ustra e outra em Olavo de Carvalho. De acordo com Vecchi, o verdadeiro alvo é o suposto *gramscismo petista*, difundido em meios digitais, onde, segundo ele, o paradoxo pode se tornar princípio de realidade, ou ainda, em suas palavras, na “manipulação racional da irracionalidade”. Segundo Vecchi, o presente político emergiu a partir da estratégia de um duplo tempo e, também, a partir do retorno de certas estruturas fundantes de nossa formação.

O artigo de **Caroline Bauer** analisa os usos do passado ditatorial brasileiro na política contemporânea. Para ela, o presidente Jair Bolsonaro faz parte de uma “comunidade de memórias” ligada aos militares que criou um tipo de história memorial. A professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisa as especificidades desses discursos frente o tipo de identidade nacional que procuram construir a partir da relação que estabelecem com a negação e o revisionismo histórico. Assim, a autora mostra que o retorno da ditadura no presente é fruto da busca de orientação em um passado que nunca existiu. Desse modo, a ditadura produzida pelos discursos de Jair Bolsonaro portaria fortes traços utópicos.

No texto “A longa noite de 64”, **Daniel Pinha Silva** faz uma análise dos discursos parlamentares realizados por Jair Bolsonaro ao longo da sua carreira (1991-2018). A tese apresentada afirma que Bolsonaro vive a experiência democrática como uma longa noite de 64, a partir de uma interpretação negacionista do passado ditatorial, no sentido de que para o atual presidente 1964 é um pretérito imperfeito. Para Pinha, “A voz de Jair Bolsonaro como presença autoritária no regime democrático explicita os limites do processo de redemocratização brasileira, em sua tentativa de construir um pacto de esquecimento dos crimes e violações cometidas pelo Estado durante a Ditadura”. Nessa direção, o autor mostra que o ex-parlamentar percebe os projetos produzidos, realizados e imaginados pela (re)democratização como perda e decadência, em especial, após 2010 com a eleição de Dilma Rousseff e a instalação da Comissão Nacional da Verdade. Os resultados das análises de Pinha, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, demonstram que para Jair Bolsonaro o dispositivo antidemocrático acionado após o golpe de 1964 “não era uma resposta circunscrita a uma época, mas um recurso pronto a ser ativado em qualquer contexto”. Outra questão trazida pelo autor é pensar certas dimensões da crise que possibilitaram o “salto” da parte de Bolsonaro do parlamento ao Planalto.

O texto de **Sérgio da Mata**, “A teologia política do governo Bolsonaro”, procura refletir sobre uma nova configuração teológico-política emergente desde a campanha presidencial de 2010, a partir de uma perspectiva que pretende levar a religião a sério. Para o professor da Universidade Federal de Ouro Preto, historiador das religiões e um dos grandes especialistas em Max Weber, a “religiosidade pública” do nosso presidente pode ser entendida a partir de uma aliança, instituída em 2013, com o então deputado e pastor Marcos Feliciano na Câmara dos Deputados Federais, que simbolizou um “pacto” entre a “pauta dos costumes” e “o ultradireitismo laico”. O autor examina as contradições e instabilidades dessa aliança destacando uma transformação do “psiquismo escatológico” nos meios evangélicos brasileiro, nomeado como sendo um *Brazilian Hebraism*, fortemente marcado pelo *dispensacionalismo*. Da Mata analisa cuidadosamente a leitura fundamentalista e milenarista dessa teologia anti-intelectualista, bem como de sua teologia da história e a habilidade para traduzir e atualizar partes proféticas da Bíblia. Segundo o autor, “o obscurantismo, venha de onde vier, só pode ser eficazmente combatido por meio do esclarecimento e de um consenso abrangente em torno da dignidade e liberdade a que tem direito todo ser humano”.

O historiador **Rodrigo Perez** é professor de Teoria e História da Historiografia na Universidade Federal da Bahia. Um dos méritos do ensaio que publica nesta coletânea é tentar suspender julgamentos políticos imediatos e apostar na compreensão analítica do discurso bolsonarista e seus formuladores, em particular o negacionista Olavo de Carvalho. Segundo Perez, a mesma modernidade que inventou a mediação metodológica cartesiana criou também a demanda pelo filtro pessoal na validação da realidade. O negacionismo olavista, e, de modo polêmico, o discurso geralmente chamado de identitário compartilhariam, segundo Perez, uma espécie de dúvida não-metódica, ou a utopia da produção de conhecimento sem a mediação de um sujeito transcendental de corte kantiano.

Perez mapeia nos textos e vídeos de Olavo de Carvalho o surgimento do tema do “marxismo cultural” e sua alegada tutela sobre a ciência contemporânea, deturpada por um fantasioso viés ideológico. Assim, longe de simplesmente negar a ciência, o olavismo se coloca como o defensor da verdadeira ciência, mesmo que contraditoriamente afirme a necessidade de uma espécie de contra-ideologia que dispute o terreno com as mesmas ferramentas do “marxismo cultural”.

O ensaio de Perez investiga as origens desse modelo epistemológico do primado do testemunho como experiência direta desde a historiografia grega até a tradição retórica romana. Nesta última, o autor enfatiza de modo arguto a importância da performance corporal na eficácia da mensagem. Essa tradição seria colocada em xeque com o método cartesiano, mas logo atualizada em respostas à crise da representação entre os séculos XVIII e XIX com a historicização radical que promoveu a reintrodução do corpo no circuito cognitivo. O argumento prossegue ao longo do século XX apontando para o aprofundamento da epistemologia da presença como única resposta aos grandes eventos traumáticos como o Holocausto e as violências massivas promovidas pelo Estado. Na conclusão do texto essa recuperação ganha seu sentido analítico e polêmico quando afirma: “Filhos, portanto, da mesma condição estrutural da modernidade, o lugar de fala progressista e o negacionismo olavista são como Esaú e Jacó: gêmeos, mas diferentes, que desde o útero materno disputam palmo a palmo o terreno da vida”.

O instigante texto de **Daniel Faria**, professor de História na Unb, apresenta mais uma de suas anamorfozes, categoria que tem utilizado para suspender as pretensões totalizantes da representação historiográfica tradicional, para mais uma vez alertar que nos assuntos humanos não

existe reprodução, mas sim repetição e diferença. Aqui o dia em questão é 8 de maio de 1970, reivindicado pela mitologia pessoal de Bolsonaro como o momento em que teria descoberto sua “vocação”. Dia de confronto armado entre policiais e um grupo liderado por Carlos Lamarca em Eldorado Paulista, cidade em que o jovem Bolsonaro morava. Dia também em que entrou em coma o operário Olavo Hansen, que em seguida faleceria em decorrência das torturas sofridas nas dependências de aparelho de repressão da ditadura instaurada em 1964.

Consciente dos riscos de uma historiografia que mesmo quando crítica pode trabalhar para fortalecer mitos, ao recorrer, por exemplo, a narrativas genealógicas e totalizantes, Faria prefere a imagem do mosaico e dos estilhaços para simbolizar os efeitos epistemológicos de suas anamorfozes. Assim, os dias escolhidos podem ser vistos como encruzilhadas históricas nas quais passado, presente e futuro não cessam de se encontrar. Também os personagens evocados assumem um volume espectral, em uma espécie de dança macabra entre Olavo Hansen e Ustra, Carlos Lamarca e Bolsonaro: “assim, pensar sobre o poder de disseminação daquele dia em outros, entre seus passados rememorados, atualizados, obsoletos: o contexto, mesmo que inventado posteriormente, de nascimento insólito de um desejo de tirania”. Ao final de seu texto não tem como não sairmos impactados por esse tempo estilhaçado, em que o passado, longe de estar domesticado, reproduzido e usado, nos atinge como uma presença perturbadora. Em uma de suas constatações argutas, Faria escreve que a herança da ditadura que interessa a Bolsonaro não é a do milagre econômico, muito comum em certos revisionismos, mas a das “técnicas, para ele heróicas, de aniquilação do inimigo”.

No texto de **María Inés Mudrovcic**, professora na Universidad Nacional del Comahue na Argentina, encontramos um testemunho do clima vivido naquele outubro de 2018 quando acontecia em Mariana o X SNHH. Ao tomar conhecimento do resultado das eleições e da forte adesão de evangélicos neopentecostais à candidatura de Bolsonaro, Mudrovcic se questionou sobre a capacidade da teoria da história e das ciências sociais em geral na compreensão dessa forte presença da dimensão religiosa em nossas sociedades.

Em diálogo com Dipesh Chakrabarty, a autora procura circunscrever a dimensão religiosa naquilo que o autor indiano tem chamado de passados subalternos, ou seja, dimensões da temporalidade difíceis ou impossíveis de serem abordados pela historicização racional desenvolvida

pelo Ocidente. Em uma caracterização que cruza com o texto de Rodrigo Perez nesta coletânea, Mudrovic evoca a impossibilidade das abordagens racionalistas em compreender o que é verdade para esses atores, traçando assim os limites da própria disciplina história. A definição que nos oferece de subalterno é precisa e desafiadora “*Subalternos son [...] modos de ser en el mundo incomprensibles para la mayor parte de las estrategias racionales de los cientistas sociales e intelectuales seculares*”. A autora procura definir essa experiência “pessoal” como um testemunho que “vê, observa e transforma em objeto sua própria experiência”, dando assim um potencial cognitivo ao que a luz da ciência ocidental resta incompreensível. Termina seu texto recordando as palavras da historiadora polonesa Ewa Domanska, que nos convoca a construir novas formas de conhecimento “que nos permitam viver juntos em conflito”.

As professoras da UERJ **Géssica Guimarães** e **Amanda Danelli**, no ensaio “Mulheres e o avanço conservador no Brasil após o Golpe de 2016”, partem da experiência de uma disciplina ministrada intitulada “O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil” para então investigar a mulher como agente social num cenário marcado por uma forte reação conservadora. Por meio de/Mediante conceitos beauvoirianos, as autoras reafirmam a necessidade de investigar o papel da mulher numa sociedade patriarcal, numa realidade como o Brasil, de herança escravocrata fortemente enraizada.

Numa tentativa de compreender o cenário em que nos encontramos, Guimarães e Danelli recuperam alguns pontos relevantes durante o governo do Partido dos Trabalhadores entre 2002 e 2014, que demonstram a adoção de estratégias e atuação para transformação da realidade brasileira. As autoras descrevem como a frente conservadora que começa a avançar a partir de 2013 gera um contexto de intensa polarização política, acirrada no golpe de 2016. E como tudo que reverbera dessa onda poderá ser interpretado como parte do processo que levou à eleição de Jair Bolsonaro. Isso resulta no frear de avanços sociais mencionados anteriormente, e a naturalização de discursos extremamente misóginos advindos do então presidente eleito. As autoras analisam detalhadamente os primeiros onze meses de governo de Bolsonaro, com a existência de um projeto concreto de acirramento das desigualdades do país.

Julio Bentivoglio e **Thiago Vieira**, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo, contribuem com o texto “Bolsonaro e a crise da Nova República: a política como conspiração” levantando a hipótese de que

Bolsonaro atualizou o mito autoritário do salvador da pátria enraizado no imaginário brasileiro, colocando-o a serviço de uma prática política ancorada na conspiração. Os autores apresentam o panorama do então deputado federal, que foi traçando o caminho para chegar na posição atual, sendo encarado pelos seus eleitores como possível salvador da pátria, defensor da família, dos valores cristãos e da herança da Ditadura Militar como uma forma de se eliminar a corrupção na vida política.

O texto descreve como os movimentos de 2013 tiveram desdobramentos que inicialmente democráticos e apartidários foram capturados por grupos e organizações patrocinadas por diversas instituições, empresas e políticos para ampliar as hostes contrárias ao PT e ao governo de Dilma Rousseff, procurando derrubá-los do poder. Os autores remetem a importância que as redes sociais tiveram nesse momento, de grupos no *Facebook*, *WhatsApp*, de *hashtags* e perfis no *Twitter*, algo que tem sido considerado um marco de mudança radical na esfera pública brasileira. Os apoiadores lançaram mão de diversos artifícios para disseminar figura e valores junto aos eleitores. Apesar de denúncias e suspeitas da participação de empresas de disparo de mensagens, a estratégia de Bolsonaro foi fugir dos debates, apresentando um plano de governo esvaziado, sem medidas ou propostas mais detalhadas.

Mariana Silveira, professora na Universidade Federal de Minas Gerais, no texto “Juristas e vida pública no Brasil: trajetórias no tempo”, investiga as interpretações acerca dos laços entre direito e política, refletindo sobre os diferentes papéis que, ao longo do tempo, juristas desempenharam na vida pública no Brasil. A autora destaca a existência de paralelos muito concretos entre o discurso do então juiz e atual ministro da justiça, Sérgio Moro, principalmente quanto a sua participação “técnica” na gestão atual, e essa tradição jurídica. A “técnica” se apresenta, dessa forma, como uma suposta saída para os “males” da política, como veículo e instrumento de soluções pretensamente neutras e inquestionáveis, porque fundamentadas em algo inacessível ao público leigo. Silveira elucida o lugar que os juristas historicamente ocupam na vida pública brasileira, através de breves anamneses de cinco trajetórias: Francisco Campos, Carlos Medeiros Silva, Luiz Gama, Mirtes Gomes de Campos e Sobral Pinto. Ao final demonstra que juristas e suas trajetórias no tempo não devem ser nem “sacralizados”, nem “demonizados”, mas compreendidos em sua historicidade.

O texto “Vozes sobre Bolsonaro: esquerda e direita em tempo atualista” de **Valdei Araujo** e **Mateus Pereira**, ambos da Universidade

Federal de Ouro Preto, desenvolve o argumento do livro *Atualismo 1.0*, no qual demonstraram a centralidade que o conceito de atualização assumiu no Ocidente desde a década de 1970. A partir de um exercício de escuta ativa de eleitores e não-eleitores de Bolsonaro, Pereira e Araujo desenvolvem uma tipologia que cruza as categorias esquerda-direita, atualizados-obsoletos, ansiosos e nostálgicos. Considerando a falência das grandes utopias futuristas e a agitação temporal provocada pela força disruptiva das novas tecnologias e modelos de negócios, o tempo atualista resultante desse processo parece ter afinidades profundas com as disposições afetivas da ansiedade e da nostalgia.

A experiência de tempo nostálgica tende a produzir uma percepção de inadequação obsoleta ao presente que pode orientar os sujeitos em ambos os espectros ideológicos da vida política, produzindo obsoletos de esquerda e de direita, cada qual com suas inquietudes e julgamentos acerca do presente. A outra ponta do tempo atualista experimenta da agitação disruptiva na chave da ansiedade, são os “atualizados” da esquerda ou direita, que por motivos diversos acreditam que podem explorar positivamente as pressões por atualização.⁷

Assim, para os autores, compreender o cenário político que levou à eleição de Bolsonaro passa por entender como ele foi mais bem sucedido em reunir em seu projeto obsoletos e atualizados de direita, enquanto a esquerda parece ainda estar longe de produzir agendas que possam reunir esses dois espectros de seu campo ideológico.

**

As eleições de 2018 foram marcadas pelo grande impacto que a internet teve sobre o resultado final, seja através das *fake news*, de aplicativos de conversas, a informações disseminadas eram muitas, e na maioria das vezes de fonte duvidosa. Isso demonstrou um grande despreparo para lidar com esse tipo de propagação. Na era digital que nos encontramos, é cada vez mais comum serviços de monitoramento de redes sociais, com o crescimento da quantidade de brasileiros com acesso à internet e, principalmente, a facilidade de emitir qualquer tipo de opinião e discursos sem se expor fisicamente, gera a necessidade por parte de grandes empresas (incluindo o governo) do monitoramento da opinião pública sobre a reverberação de assuntos políticos.

⁷ Uma boa descrição da cultura atualizada de direita que celebra a agitação disruptiva como modo existencial básico pode ser encontrada no recente livro de Mike Isaak. Cf. ISAAK, Mike. **Super Pumped: The Battle for UBER**. New York: Norton, 2019.

Uma ferramenta muito utilizada para isso é o Stilingue, plataforma líder nacional de Inteligência Artificial (IA) para o idioma Português que usa a inteligência artificial para resumir tudo que vem sendo dito na internet sobre determinado assunto. A empresa, fundada em 2014 em Ouro Preto (MG), obteve ritmo de crescimento acelerado nos últimos anos.

Embora muitas contribuições no volume destaquem o negacionismo como elemento central do universo bolsonarista, raramente esse gesto é sustentado por algum tipo de vale-tudo relativista, ao contrário, esse negacionismo se promove produzindo teorias conspiratórias nas quais a verdade real teria sido ocultada por estruturas de poder. Assim, o revisionismo acerca da ditadura militar de 1964, o movimento anti-vacina, a existência da indústria da multa, a ideologia de gênero, o ensino domiciliar ou o terraplanismo são quase sempre acompanhados de uma pseudo-ciência e de estratégias de desinformação. O negacionismo bolsonarista não admite seu aspecto irracional ou anticientífico, ao contrário, alimenta as expectativas de que uma ciência verdadeira legitima suas narrativas.

Podemos nos perguntar até que ponto vivemos uma real guerra de ideologias e até que ponto as estratégias deliberadas de desinformação tornam mesmo impossível falarmos em ideologias, como argumenta Cheyfitz.⁸ Também não sabemos até onde figuras como Bolsonaro e Olavo de Carvalho apresentam um grande conhecimento intuitivo e controle carismático sobre seus seguidores, até onde atuam as novas ferramentas do capitalismo de vigilância.⁹

Enquanto escrevemos estas últimas linhas os jornais reverberam a vitória de Boris Johnson nas eleições do Reino Unido. Por sobre um leve clima melancólico fica a certeza de novos livros e projeto: por uma esquerda (in)atual.¹⁰

Rio de Janeiro - Bolonha - Mariana

13 de dezembro de 2019

⁸ Cf. CHEYFITZ, Eric. **The Disinformation Age: the Collapse of Liberal Democracy in the United States**. New York: Routledge, 2017.

⁹ Cf. ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism: the Fight for a Human Future at the New Frontier of Power**. New York: Hachette, 2019.

¹⁰ O evento que deu origem a esse livro contou com o apoio da CAPES.